

UMA PERSONALIDADE SINGULAR

por Mário Soares

1. Os jornais e as televisões internacionais, dos últimos dias, têm posto em relevo - uma vez mais - a figura ímpar, um tanto enigmática e, contudo, muito respeitada, do Dalai Lama. Veio já várias vezes a Portugal, como líder espiritual da Comunidade Budista tibetana, prémio Nobel da Paz e, ao mesmo tempo, chefe de Estado, no exílio, na Índia, desde 1959, salvo erro, desse longínquo país nos Himalaias - o tecto do Mundo - onde jesuítas portugueses chegaram, em missão evangelizadora, no Século XVI e encontraram uma antiquíssima e requintada comunidade espiritual.

Os portugueses conhecem bem Dalai Lama, com o seu permanente e acolhedor sorriso, a sua excepcional afabilidade. Eu próprio tive ocasião de o encontrar, várias vezes, em Portugal e no Estrangeiro e um dia - há já vários anos - tive o privilégio de o entrevistar para a RTP 1, durante uma hora, para um programa que então tinha. Desde então, fiquei com imensa admiração e respeito por essa singular personalidade - que muitos tibetanos acreditam ser o próprio Deus - tem corrido o mundo, em defesa da identidade do seu Povo e, por detrás das suas genuínas simplicidade e modéstia, próprias dos grandes homens, esconde uma vontade férrea e uma inteligência tranquila, construída ao longo dos anos de luta pelo domínio de si próprio, inteiramente ao serviço da sua Terra e da sua Gente. Em termos bíblicos, dir-se-ia a luta de David contra Golias...

Dalai Lama veio de novo para o pico da actualidade em virtude da revolta desarmada dos tibetanos e da brutal repressão que se lhe seguiu pela parte dos chineses. Um erro grave - senão mais do que isso - quando a China se prepara para acolher, em Pequim, os Jogos Olímpicos de 2008!

Dalai Lama respondeu - do seu exílio, na Índia - com a sua firme subtileza habitual, acusando a China de "genocídio cultural", expressão que teve o condão de mobilizar a consciência do Mundo, de Nancy Pelosi, a dinâmica Presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, que se deslocou expressamente a Dharamsala, a Sua Santidade o Papa e ao Presidente do Parlamento Europeu.

A China, então, recorreu à retórica: acusa Dalai Lama de ter provocado os motins, com a intenção de criar problemas à realização dos Jogos Olímpicos. Dalai Lama, respondeu tranquilamente que, como pacifista, não pensa que o problema do Tibete se resolva pela força. Mas sim pelo diálogo - no que está em oposição ao grupo extremista tibetano - insinuando, com argúcia e ironia, que até deseja que os Jogos Olímpicos se realizem em Pequim, como previsto, com sucesso e normalidade, por "respeito pelo Povo Chinês e pelo que isso representa para o seu desejo de liberdade".

Ao ouvir na Televisão estas palavras proferidas por Dalai Lama, lembrei-me da experiência que tive quando quis visitar Sakharov numa viagem oficial que fiz à então ainda URSS, no tempo de Gorbachev e da Perestroika. O protocolo soviético criou-me os maiores obstáculos, para me fazer desistir da visita. Mas eu persisti, ameaçando interromper a viagem. Finalmente, autorizaram que um carro da Embaixada portuguesa o fosse buscar, cedo, numa manhã gélida de Moscovo, para vir tomar um café comigo à Embaixada. Quando lá cheguei, eu próprio, a Embaixada estava cercada, pela polícia soviética, com um tão grande e despropositado aparato de segurança que punha nervosíssimo o pessoal da Embaixada, em grande parte empregados domésticos e secretários, quase todos russos, que não disfarçavam o medo... O próprio bairro e as ruas de acesso estavam fortemente vigiadas.

De repente surge o carro que trazia Sakharov e sua mulher Yelena Bonner. Sakharov era um homem alto, tranquilo, com uns olhos azuis, claríssimos. Vi-o como um raio de sol que trespassasse o nevoeiro da frigidíssima manhã russa. Fiz-lhe sinais para o advertir de que na sala de jantar, onde o recebi, haveria seguramente microfones escondidos. Ele respondeu-me tranquilamente: "não tem importância, eles sabem tudo o que eu penso! Estão habituados!" Depois falámos de tudo, longamente, em plena liberdade. A força bruta da intimidação nada podia contra a consciência cívica de Sakharov!...

2. Carlos Galvão de Melo. Foi encontrado morto na garagem de sua casa, em Cascais, dois dias antes da Páscoa. Gozava até então de excelente saúde e fazia muito desporto. Deve ter tido uma súbita paragem cardíaca. Só tomei conhecimento da sua morte, depois do funeral. Não conhecia a sua família, com excepção da sua ex-mulher, que morrera há já algum tempo. Mais ninguém, a quem possa expressar os meus sentimentos, muito sinceros.

Conheci-o quando era membro da Junta de Salvação Nacional, depois da Revolução dos Cravos e no dia do meu regresso do exílio, a Portugal. Era um homem elegante, de uma esmerada educação, bem falante. General da Força Aérea, nunca o vi fardado. Simpatizei com ele. Próximo do General Spínola, tinha uma enorme preocupação, desde o começo, com a ascensão do Partido Comunista. Considerava-se - o que não era nada popular no tempo - um democrata de direita. Esteve envolvido no 28 de Setembro e na organização da chamada "maioria silenciosa", que se revelou um fracasso.

Nessa altura, porém, com a responsabilidade da política externa, passava pouco tempo em Portugal, embora fosse acompanhando (como podia) os acontecimentos. Perdi o contacto com Galvão de Melo. Só voltei a encontrá-lo na campanha para as Constituintes, em Viseu, que era então uma terra onde a Esquerda quase não entrava, apesar dos esforços do meu saudoso amigo, Álvaro Monteiro, fundador do PS e seu líder, na região.

Galvão de Melo foi candidato independente na lista do CDS, de então, e foi eleito deputado. Voltámos a encontrar-nos portanto em Viseu onde me cumprimentou com a sua habitual afabilidade, Conversámos muito. Convivemos depois nas Constituintes, onde teve um comportamento impecável, na defesa, claro, dos seus pontos de vista, que não eram os meus. Mas fomos criando relações muito cordiais. Mais tarde candidatou-se à Presidência da República contra Ramalho Eanes. Avisei-o, então - e à sua Esposa - que ia ser um desastre. Foi.

Galvão de Melo era um bom profissional e um democrata, desde a juventude. Nos idos de 1946, estava então na Granja do Marquês, como oficial da Força Aérea, no início de carreira, teve a coragem de ajudar Palma Inácio, quando este, na preparação de uma intentona anti-regime, sabotou os aviões da base...

Com o andar do tempo fomos estreitando relações. Visitámo-nos nas respectivas casas. Comemos várias vezes juntos, com amigos comuns. Galvão de Melo não era um político. Mas era um homem de convicções. Nunca foi oportunista ou alguém que se quisesse servir da política. Pelo contrário. Quis sempre servir, desinteressadamente, Portugal. Pertenceu, na última eleição presidencial, à minha Comissão de Honra. O meu testemunho pessoal é que, com a sua morte, se perdeu um general que foi um profissional honesto, um cidadão digno, coerente com as suas ideias, corajoso e um grande homem de bem.

Lisboa, 25 de Março de 2008